

CAPÍTULO 3

Das ilhas ao continente:
a fase caribenha e as
conquistas posteriores

Numa sociedade que tenha existido ininterruptamente na mesma área durante alguns séculos, haverá fortes distinções regionais e tradições rivais de pensamento, e as mudanças, normalmente, ocorrerão aos poucos e de forma cumulativa. No entanto, quando as pessoas são removidas em grande número para um novo ambiente as coisas acontecem de maneira um tanto diferente por algum tempo. Embora os recém-chegados tentem preservar o máximo possível de seus padrões de pensamento e comportamento, as circunstâncias forçam-nos a fazer amplos ajustes nos primeiros anos de presença na nova área, apenas para sobreviver e atingir seus objetivos mais imediatos. Com bastante rapidez, cristalizam-se um conjunto de práticas e um novo vocabulário que, dali em diante, passou por poucas mudanças durante um longo tempo. Se a nova sociedade se expande depressa por uma área grande, como na América espanhola, haverá grande uniformidade em coisas como formas de governo local, acordos comerciais e até o idioma falado, apesar da variação regional na nova base local.

São muitas e complexas as razões pelas quais novas áreas passam por rápida cristalização cultural e institucional seguida por mudança lenta, embora, se partirmos do ponto de vista de que as sociedades humanas inovam o mínimo possível em uma determinada época, o resto vem naturalmente. São mais relevantes aqui alguns mecanismos específicos. Muitas sociedades novas reverenciaram e recompensaram os primeiros a chegar. Nas Índias Ocidentais espanholas esta tendência assumiria a forma de uma forte ênfase na *antigüedad*. Os colonos mais ricos e respeitados eram os que estavam lá há mais tempo, e os recém-chegados logo aceitavam os conselhos dos mais antigos sobre como deveriam ser feitas as coisas. Eram sempre os colonos mais antigos que lideravam as incursões a áreas ainda mais novas e, uma vez lá, no papel de governadores e membros do conselho, organizavam as coisas da forma que já lhes era familiar. É claro que a mudança continuava, em todos os ramos e níveis da vida; no decorrer de longos períodos, surgiriam novos dialetos e subculturas regionais. Qualquer área nova acaba por tornar-se antiga. Enquanto isso, em termos de décadas ou séculos, a

tradição caribenha seria um elemento importante no funcionamento da sociedade da América espanhola.

A fase do Caribe torna-se ainda mais complexa porque os espanhóis não eram um povo anteriormente imóvel ocupando sua primeira área nova. Em vez disso, tendiam a ver o Caribe à luz de sua própria tradição já existente de expansão, ou melhor, "reconquista". Ao mesmo tempo, a descoberta inicial e as tentativas de exploração ocorreram sob a direção do genovês Colombo e seus parentes e parceiros, inteiramente dentro da estrutura da atividade luso-genovesa anterior no Mediterrâneo e, acima de tudo, na África.

Não só Colombo e seus amigos como também muitos dos marinheiros andaluzes que trabalharam em seus empreendimentos, sem falar na própria Coroa espanhola, estavam prontos a competir com a experiência ultramarina portuguesa e a tratar a América de forma análoga à África ou à Índia. No entanto, a América não era a África nem a Índia. E tão importante quanto isso foi que os imigrantes espanhóis na América insistiram em trabalhar dentro de sua própria herança. Assim, a tradição marítima de comércio e exploração competiu com a velha tradição ibérica de conquista total, imigração expressiva e governo permanente e, no final, cedeu lugar a ela — embora alguns aspectos da tradição luso-genovesa tenham se incorporado definitivamente à vida da América espanhola. As páginas seguintes, então, vão tratar da fase caribenha à luz dupla da transição e dos precedentes.

O CURSO DOS ACONTECIMENTOS CARIBENHOS

Em primeiro lugar, vamos fazer uma breve narrativa do curso geral dos acontecimentos no Caribe para termos um contexto para uma análise mais local. Assim que Colombo, em nome da coroa castelhana, "chegou a algumas ilhas no Atlântico", como os portugueses, ressentidos, tenderam a descrever seu feito, os espanhóis e os organizadores marítimos começaram a puxar em direções contrárias. A idéia básica de Colombo, coerente com seu passado genovês e português, era instalar fortes e feitorias com empregados assalariados para comerciar com a população local quaisquer produtos que tivessem valor na Europa e continuar a exploração em busca de parceiros comerciais mais ricos e fortes. Por outro lado, o instinto dos espanhóis era concentrar-se primeiro na colonização e no domínio total da área bastante povoada que já tinha sido encontrada. Em consequência, o ano de 1493 assistiu à partida da Espanha da maior e

mais completa expedição que já saíra da Europa, equipada com tudo o que era necessário para transplantar a vida européia: gente de vários níveis e profissões, sementes, plantas e animais.

Durante alguns anos os recém-chegados concentraram-se inteiramente em Hispaniola (hoje República Dominicana e Haiti), que aparentemente tinha a maior população indígena de todas as ilhas. Depois de algum tempo de tentativa e erro, Santo Domingo, na costa sul, surgiu como capital espanhola e centro principal, papel que manteria por muito tempo em relação a todo o Caribe. De modo geral, os arauques de Hispaniola ofereceram pouca resistência à simples presença dos intrusos, e assim estes se estabeleceram sem o que se poderia chamar de verdadeira conquista, e a resistência assumiu a forma de rebeliões esporádicas quando o povo indígena veio a perceber a extensão e a permanência da mudança. Colombo e outros que tinham familiaridade com a experiência portuguesa na África investigaram as possibilidades locais para todos os empreendimentos econômicos que lá haviam sido bem-sucedidos: madeiras tropicais, especiarias, exportação de escravos, açúcar e ouro. Destes, só o ouro mostrou-se imediata e decisivamente viável, e mesmo assim havia uma grande diferença entre a exploração do ouro na África e na América porque, enquanto na África um estrangeiro podia adquirir no comércio ouro que já havia sido extraído, nas ilhas do Caribe ele teria de encarregar-se da produção, se o desejasse em escala suficiente. Isto significou a ocupação completa, o redirecionamento do trabalho indígena e, com o sucesso da operação, a imigração européia intensa e contínua, e o conseqüente surgimento de uma complexa sociedade de imigrantes.

Esta grande evolução começou sob a direção de um não-espanhol que estaria em posição muito mais fácil nas costas africanas ou da Ásia oriental do que como vice-rei perpétuo e almirante de Hispaniola e todas as outras terras novas. É claro que Colombo acabou por tornar-se um "mau governador". Já vimos como os espanhóis desprezavam marinheiros e estrangeiros; agora esperava-se que alguém que era as duas coisas os governasse e deles exigisse respeito. E Colombo, em vez de dedicar toda a sua atenção a Hispaniola, continuou a preocupar-se com seus objetivos mediterrâneos e genoveses, da exploração de mais terras à salvação de Jerusalém das mãos dos muçulmanos. Logo a população espanhola de Hispaniola se revoltou e impôs formas ibéricas por iniciativa própria. A Coroa espanhola nada pôde fazer além de nomear governadores espanhóis a partir de 1499 para regularizar e legitimar o processo.

Na metrópole espanhola, as organizações comerciais internacionais sediadas em Sevilha começaram a transferir alguns de seus negócios para o Caribe, e à

medida que a notícia foi se espalhando pelo sul da Espanha, as fontes sociais e regionais de emigração continuaram a se ampliar. Quanto à Coroa, logo após os primeiros relatos sobre as ilhas, passou a negociar o Tratado de Tordesilhas (1494), pelo qual os dois participantes pretendiam deixar Portugal explorar a África e a Ásia enquanto a Espanha ficava com o hemisfério ocidental. Não se sabia então até que ponto a América do Sul se projetava para leste, de modo que a linha traçada pelo tratado dava a Portugal direitos sobre boa parte do Brasil, área que descobriram por conta própria poucos anos depois. (Isso não deve conferir grande importância ao tratado. Os fatores decisivos foram que a Espanha estava com as mãos ocupadas com os principais centros da América, o Brasil parecia ter de início pouco valor e ficava muito perto da rota marítima portuguesa para a Índia.) Quanto ao governo, havia um processo semelhante ao que vinha acontecendo nas ilhas, ou seja, a tendência inicial a aceitar um modelo mediterrâneo dava lugar a formas ibéricas clássicas. Em 1503 a Coroa criou formalmente a Casa de Contratación (câmara de comércio) em Sevilha. Aparentemente, espelhava-se em última instância num original genovês e pretendia fazer a própria exploração das colônias em nome da Coroa; em vez disso, logo transformou-se num órgão de verificação, registro e coleta de taxas alfandegárias para as frotas que partiam e chegavam. As funções governamentais da Coroa eram exercidas cada vez mais por meio de conselheiros da corte real que, em 1524, formaram o Conselho das Índias, organizado como os outros conselhos reais.

Em Hispaniola, ciclos demográficos e de mineração de ouro foram decisivos para a cronologia dos acontecimentos. Depósitos expressivos de ouro de aluvião, rapidamente localizados, produziram riqueza suficiente para sustentar o empreendimento global espanhol, mas por volta de 1515 já estavam se esgotando. Através do mecanismo da encomenda, os espanhóis conseguiram mão-de-obra suficiente para trabalhar nas minas por algum tempo, mas o declínio da população indígena foi tão acentuado que as fontes de mão-de-obra se esgotaram antes das minas. Expedições de caça a escravos nas áreas circundantes foram uma das reações espanholas. Seguiu-se a ocupação completa de Porto Rico, Jamaica e Cuba em 1508-11, onde imediatamente ocorreram ciclos semelhantes, embora mais rápidos, assim como a primeira grande expedição ao continente, em Terra Firme (região do Panamá e a costa caribenha ocidental da Colômbia), em 1509-13. Na época da conquista do México, 1519-21, a base demográfica e mineira original para uma forte presença européia praticamente desaparecera das grandes ilhas do Caribe.

Ainda por alguns anos Santo Domingo conservou a aura de capital das Índias Ocidentais. O curto período de extração de pérolas na costa venezuelana foi de alguma ajuda e a exportação de açúcar e couro deu às ilhas uma nova base econômica, embora bastante limitada, enquanto a importação de escravos africanos deu início ao processo longo e lento de recriação de uma base demográfica. Mas durante muitas décadas o Caribe seria uma retaguarda, importante apenas para o suprimento e a segurança das frotas que iam e voltavam entre a Espanha e as áreas centrais da América espanhola.

A CIDADE ESPANHOLA E A SOCIEDADE DE HISPANIOLA

O exame mais metódico do conteúdo da sociedade espanhola nas Índias Ocidentais no período da conquista terá de esperar nosso exame das áreas centrais, sobre as quais se conhece muito mais do que a respeito daquela, cujas fontes primárias muito sofreram com os piratas e o úmido clima tropical. Por enquanto, vamos supor apenas que uma amostra surpreendentemente ampla de tipos espanhóis estava presente e ativa da mesma maneira que na própria Espanha, até onde as condições permitiam. Em termos de origem regional, eles vinham principalmente do sul da Espanha (exceto do recém-conquistado reino mouro de Granada), ou seja, eram das áreas mais próximas de Sevilha, de onde partiam os navios e as notícias se espalhavam. Há muitas dúvidas se os sulistas conseguiram ou não impor marcas permanentes à cultura espanhola das Índias Ocidentais no curto período decorrido antes que imigrantes do resto de Castela se juntassem a eles. De qualquer forma, os andaluzes dominaram a primeira fase, e um grande número de naturais da Extremadura a eles se juntou a partir da chegada, em 1502, do frei Nicolás de Ovando, governador nascido em Cáceres. Na época da ocupação do continente, seria possível falar de uma disseminação de imigrantes vindos de todas as regiões de Castela.

Os fatos nos bastam para examinar alguns aspectos gerais da cidade espanhola que se desenvolveu no Caribe. Se a sociedade na Espanha já era centrada na cidade, a sociedade espanhola nas Índias Ocidentais seria ainda mais urbana. Antes que se passassem muitos anos, uma parte tão grande da população espanhola estava na cidade de Santo Domingo, em pouco tempo transformada num complexo urbano bem construído com muitos edifícios de pedra, que o nome dado à ilha começou a ser ignorado e toda a região passou a ser chamada pelo nome da cidade — costume conservado até os dias de hoje na “República

Dominicana". A reunião em centros urbanos numa nova área onde, caso contrário, os imigrantes ficariam espalhados demais para exercer alguma ação conjunta, socioeconômica ou mesmo militar, parece tão natural que é possível até mesmo duvidar que as coisas pudessem acontecer de outra maneira. De qualquer modo, a consequência foi estabilidade, crescimento e até mesmo o desenvolvimento dos requintes da cultura européia nos núcleos urbanos centrais, enquanto a vasta hinterlândia que sustentava a cidade passou por pouca europeização ou sofreu forte declínio. Enquanto o ouro se esgotava e buscava-se uma base econômica mais modesta, enquanto o grosso da população indígena desaparecia vitimada por doenças e outros males, Santo Domingo não só continuou a ser um forte centro espanhol como recebeu em 1508 um contingente da alta sociedade castelhana no séquito do filho de Colombo, então governador nominal, seguido em 1511 pela primeira alta corte, ou Audiência, das Índias Ocidentais; a grande catedral gótica foi construída depois que o sistema original se extinguiu completamente, entre 1527 e 1540, e criou-se uma universidade, pelo menos em termos formais, em 1538. No entanto, a estabilidade das grandes instituições não se estendeu necessariamente para outras menores e mais especializadas na hinterlândia, principalmente nas pequenas cidades e nos acampamentos criados para fins tão efêmeros quanto a extração de ouro. Havia cerca de quinze desses povoados em Hispaniola durante os anos da expansão aurífera, que desapareceram quando a razão de sua existência se extinguiu.

O funcionamento geral da cidade espanhola nas Índias Ocidentais era igual ao da própria Espanha, desde o papel do conselho municipal, ou *cabildo*, composto pelos poderosos locais, até a hierarquia descendente que se estendia para fora da cidade até o campo, para governá-lo e extrair dele o sustento da cidade. Entretanto, nas Índias Ocidentais houve inicialmente um novo elemento de total diferenciação entre as duas esferas: a cidade era espanhola, o campo era índio, e qualquer espanhol no campo estava ali temporariamente em nome da cidade.

Em outro aspecto as cidades espanholas do Caribe, e depois as das Índias Ocidentais, se destacaram de seu original ibérico. A estrutura urbana, tanto física quanto social, é um dos exemplos mais marcantes da rápida instituição de um procedimento uniforme que os espanhóis seguiriam na América, para qualquer lugar que fossem. E é um exemplo muito importante porque a cidade era a estrutura básica geral da vida espanhola. A primeira ação dos colonos numa determinada área, durante ou mesmo antes da conquista, era criar uma cidade e um conselho espanhóis. Apesar de as cidades mineiras e portuárias raramente obedecerem a esta norma e de a própria Santo Domingo não ser um exemplo

perfeito, os espanhóis, bem antes do final da primeira fase do Caribe, haviam chegado a um plano definitivo para suas cidades (ver Figura 2). O esquema era a própria simplicidade: uma grande praça no centro, uma grade de ruas largas e perfeitamente retas que se estendiam dali em todas as direções, formando quarteirões quadrados ou retangulares, com quatro lotes em cada quarteirão, dos quais apenas alguns próximos da praça eram realmente demarcados, concedidos e utilizados para construção. De um lado da praça ficava a igreja principal, de outro o prédio do conselho municipal, de outro a residência do governador ou de seu representante; as demais propriedades que davam para a praça, assim como as outras próximas, tornavam-se residência dos cidadãos locais mais importantes (em geral os encomendeiros), que seriam as mais imponentes, de modo que logo o centro estava tomado de prédios. No entanto, os cidadãos ricos alugavam lojas que davam para a rua ou para a praça a mercadores, artesãos, cartórios e outros. Quando a cidade crescia, uma arcada logo cercava a praça. Colonos espanhóis mais humildes tinham suas casas num anel exterior de lotes, e mais além dele outros lotes eram destinados a hortas e jardins. Este complexo organizado constituía a *traza*, ou "planta". Além dele as ruas eram indefinidas; cabanas temporárias, ou *ranchos*, destinados principalmente aos índios que serviam aos espanhóis, dominavam o cenário. A cidade da América espanhola podia assim crescer indefinidamente através da expansão da *traza*, mantendo ao mesmo tempo a estabilidade quase total do centro. A estrutura global não variou nem precisou variar durante muitos séculos: sempre nucleada, sempre com um centro mais desenvolvido e uma orla mais provisória.

A razão do surgimento deste padrão tem sido tema de muita discussão; alguns comentaristas apelaram para ideais renascentistas, outros para o plano dos acampamentos usados como base no combate aos mouros de Granada. As cidades da própria Espanha eram, em geral, mais irregulares e menos nucleadas do que nas Índias Ocidentais, com, por exemplo, a catedral numa praça, o conselho em outra e vários bolsões de residências de elite. Mas todas as tendências da cidade espanhola na América podem ser vistas em sua antecedente na própria Espanha, e pode-se dizer que aquela era exatamente do jeito que esta última seria caso tivesse sido criada de uma só vez num novo local, em vez de crescer ao longo de séculos e milênios. Na verdade, o traçado em grade, a praça central e a concentração de riqueza e funções em volta dela parecia quase se impor num novo local. Ainda assim, os ingleses iriam proceder de modo bem diferente na América, tal como, em parte, os portugueses, vizinhos ibéricos dos espanhóis.

to. Neste ponto o sistema só se torna compreensível se formos além da limitada concessão da *encomienda* e observarmos o círculo mais amplo e autoconsolidado das ligações socioeconômicas reais. Foram os colonos mais ricos e influentes que começaram a tornar-se *encomenderos*; os maiores entre eles dominavam os conselhos municipais; os conselhos, por sua vez, favoreciam os *encomenderos* nas concessões de terras e minas, e ainda que não o fizessem ninguém mais tinha a mão-de-obra necessária, de modo que os *encomenderos* eram, direta ou indiretamente, os principais mineiros e agricultores comerciais. A mão-de-obra da *encomienda*, as minas e as atividades de suprimento complementavam-se para benefício final do *encomendero*, aquartelado na cidade espanhola mais próxima, como tentamos indicar na Figura 3.

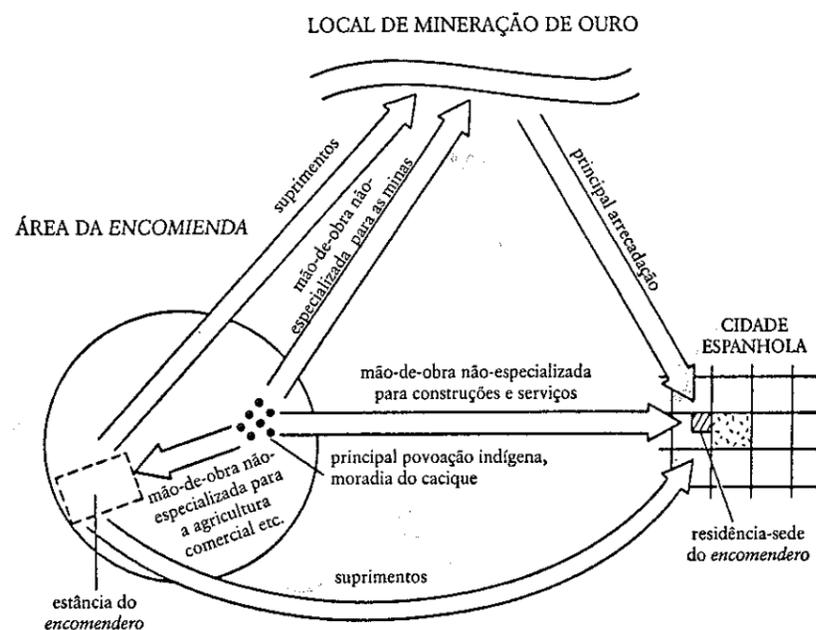


Figura 3. Esquema de uma *encomienda* nas ilhas do Caribe.

Desde tempos bem antigos a palavra *estancia* foi usada para designar propriedades de terra de espanhóis e também para qualquer empreendimento agrícola ali implantado — embora com o passar do tempo a conotação tenha se

tornado, cada vez mais, a de criação de gado europeu, que era o item de maior demanda. Algumas estâncias ficavam na periferia das cidades espanholas, que eram o único mercado além das minas, mas o padrão que mais nos interessa aqui é que um *encomendero* muitas vezes recebia a concessão de uma estância na vizinhança de seus índios, para ter a mão-de-obra próxima. Algumas antigas diretrizes, que tentavam aliviar os problemas que surgiam quando um novo *encomendero* era nomeado e encontrava o antigo ainda na posse de uma estância em sua área sugerem que esta associação informal de estância e encomenda era uma prática quase universal.

Embora a *encomienda* tenha se baseado nos poderes tradicionais do cacique, o sistema que esboçamos impôs maiores exigências aos arauaques quanto ao tipo e à quantidade de trabalho. Havia necessidade de intervenção espanhola direta, na forma de supervisores e auxiliares. Entre os supervisores, o mencionado com maior frequência é o *estanciero*, assim chamado por causa da estância, que era sua principal responsabilidade, mas que também servia ao *encomendero* como chefe da mão-de-obra ou mesmo como mineiro. Seria mais pobre, mais humilde ou teria chegado há menos tempo que o homem para quem trabalhava. Alguns encomendeiros podiam comprar ajudantes negros escravos, mas os auxiliares mais numerosos eram os próprios índios, fora do sistema de encomenda propriamente dito.

Naborias

O leitor deve lembrar-se de que “naboria” era o nome do dependente permanente de um nobre ou chefe, não sujeito aos deveres e privilégios gerais da comunidade, como vimos em nosso exame da sociedade arauaque antes da conquista. Por meio de convocação forçada, adesão voluntária e nomeação pelas autoridades, os espanhóis começaram rapidamente a adotar naborias como servos pessoais. *Encomenderos* e *não-encomenderos* o fizeram, e logo estavam utilizando seus auxiliares em várias tarefas que exigiam estabilidade e em novas especialidades que não deveriam deslocar trabalhadores da *encomienda*. Embora os naborias não tivessem nenhuma relação formal com a *encomienda*, este sistema, em seu ponto mais desenvolvido, dificilmente poderia ter funcionado sem eles. Não se deve imaginar que todos ou a maioria dos naborias dos espanhóis tenham nascido nesta situação; na verdade, muitos parecem ter sido índios de uma *encomienda* subtraídos de suas aldeias. O que importa é que, por causa da existência desta função na sociedade anterior à conquista, índios e espanhóis tinham

expectativas bem definidas quanto a ela. Antes do clímax do desastre demográfico, os novos e antigos naborías estavam prestes a tornar-se um grupo separado nas cidades, associado a empreendimentos espanhóis. No continente, este movimento seria retomado em condições mais estáveis. Em 1514, quando a população índia reduzira-se a uma fração de seu tamanho original, entre os cerca de 22.000 adultos saudáveis que restaram a quantidade de naborías correspondia a quase metade dos índios de *encomienda*. Anteriormente a proporção de índios de *encomienda* teria sido maior, já que os naborías foram repostos com índios vindos de fora, mas esta relação serve para indicar que eram um grupo expressivo, importante para a sociedade conquistadora e ainda mais importante para o futuro da América espanhola.

Escravidão de índios

Os índios da *encomienda* não eram escravos. Um escravo é comprado e vendido individualmente por determinado preço; no contexto latino-americano ele sempre foi removido de suas origens geográficas e étnicas e vivia em associação estreita e permanente com europeus. Nada disso se aplica aos índios da *encomienda*, que permaneciam nas mesmas terras que antes e mantinham a organização de seu grupo, mesmo quando iam em levas para trabalhar para o *encomendero*. De modo geral, na história do mundo, nunca foi vantajoso nem viável para um grupo conquistador escravizar uma população densa em sua terra natal. A escravização foi raramente praticada com povos totalmente sedentários da América, e só ocorreu sob certas condições com os semi-sedentários, e assim a escravidão índia viria a ser um fenômeno marginal, utilizado principalmente em relação aos povos nômades da periferia.

No entanto, até que esta distinção se firmasse, a escravização de índios ocorreu como medida de transição e emergência, até com alguns grupos sedentários. Na herança ibérica, os infiéis capturados numa batalha justa poderiam ser escravizados, e havia procedimentos estabelecidos de marcação, registro e pagamento oficiais à coroa de impostos sobre os novos escravos. Os índios que resistiram de alguma forma à entrada de espanhóis em suas terras estavam, assim, sujeitos à escravização; à medida que a população e o fornecimento de mão-de-obra diminuíram em Hispaniola, os espanhóis navegaram para ilhas vizinhas em expedições que eram pouco mais do que caça a escravos, sem levar em conta se o povo era de agricultores residentes. Mas logo a ocupação espanhola em grande escala estendeu-se para todas as áreas densamente povoadas, e a escravi-

zação acabou por limitar-se a pequenos grupos isolados, como os das Bahamas, ou a grupos verdadeiramente hostis ou nômades, entre os quais destacam-se os caraíbas das Pequenas Antilhas. A diferença entre arauaques e caraíbas logo se tornou evidente para os espanhóis, que não fundaram nenhuma povoação nas ilhas dos caraíbas e, depois de algumas experiências, decidiram que não havia necessidade de experimentar sua hostilidade em cada caso individual; o simples fato de uma pessoa ser caraíba já constituía base legal suficiente para sua escravização. Quando os espanhóis estenderam seus ataques e explorações para além das Pequenas Antilhas e da costa venezuelana em direção a oeste, continuaram a identificar os povos com os caraíbas e a proceder da mesma maneira. Os captos vendiam os novos escravos aos espanhóis das ilhas maiores, para serem usados nas minas de ouro ou para suplementar os naborías; mas em poucos anos os escravos índios extinguíram-se quase tão completamente quanto os habitantes originais.

Congregação

Neste ponto, vamos apenas mencionar que, em reação ao declínio populacional e ao padrão de residência dos índios, mais disperso que o europeu, começou no Caribe a tentativa dos espanhóis de concentrar mais os índios e reorganizar suas povoações segundo o modelo das cidades ibéricas, respeitando ao mesmo tempo, onde fosse possível, as unidades indígenas. Governadores, padres e *encomenderos*, segundo seus vários propósitos, podiam concordar prontamente que era desejável ter os índios por perto e comportar-se como espanhóis. Esses planos e tentativas não eram fundamentais para a organização do sistema caribenho, e o desastre demográfico resultou no seu completo abandono, mas a noção, daí para a frente, seria parte constante da bagagem cultural da América espanhola e surgiria de várias formas em regiões diferentes.

METAIS PRECIOSOS E SEU PAPEL NA ECONOMIA

O ouro do oeste da África levou os habitantes da Península Ibérica a esperar ainda mais do hemisfério ocidental, que, de início, parecia ser uma área semelhante. Ao mesmo tempo, a reconquista ibérica estava associada à idéia de saques, metais preciosos e jóias. No entanto, ainda mais importante do que o precedente era a estrutura básica da situação social e econômica que se apresen-

tava aos espanhóis na América. Quer fossem impelidos pela ambição ou pela pressão econômica, a meta dos imigrantes era viver num padrão pelo menos tão alto quanto o europeu e, já que eram tão etnocêntricos quanto qualquer outro povo, queriam viver à moda européia. Em consequência, eles teriam de importar tecidos e outros artigos europeus, além de alguns produtos básicos difíceis de reproduzir, como vinho e azeite de oliva. Para pagar estas importações, precisariam de algum produto de exportação com alto valor específico e com demanda grande e estável na Europa. Na época só havia uma mercadoria assim, metais preciosos, e deles o Caribe só oferecia o ouro. O frete era insuportavelmente caro para qualquer coisa volumosa, já que as embarcações eram pequenas, as distâncias grandes e só as provisões já ocupavam muito do espaço útil do navio. A América não tinha as sedas chinesas nem as especiarias das Índias Orientais. A única alternativa realista seria a produção de açúcar, mas as ilhas atlânticas portuguesas já supriam a demanda européia, então relativamente pouco elástica, os portugueses dominavam o mercado e o açúcar era, de qualquer maneira, um negócio altamente capitalizado e técnico, enquanto os espanhóis, naquele momento, precisavam não só de alguma coisa não-técnica como de algo que fornecesse capital em vez de exigí-lo.

E assim veio o ouro. Seguindo os primeiros passos dos arauaques, os espanhóis procuraram e encontraram ouro nas ilhas, não grandes jazidas, mas minas de aluvião que produziram riqueza bastante expressiva durante algum tempo. Era necessário pouco equipamento e habilidade apenas moderada para cavar a areia e o cascalho e bateá-los, e os colonos logo dominaram a técnica. Rios de montanha ainda intocados ofereciam por quase toda parte pelo menos um pouco deste tipo de ouro. Depois da experiência do Caribe, os espanhóis procurariam e explorariam minas de aluvião onde quer que fossem, e assim cada nova área passaria, por sua vez, por uma efêmera corrida do ouro que ajudava a pagar as despesas dos primeiros estágios.

Enquanto durou, a mineração de ouro no Caribe abriu precedentes que seriam levados para outras áreas, até mesmo para a mineração de prata no continente, muito mais duradoura e em escala muito maior. Na lei espanhola, a riqueza do subsolo era de domínio público. Uma consequência disso é que as minas não passavam simplesmente a pertencer a seus descobridores ou a alguma classe de mineiros propriamente ditos, mas eram distribuídas pelas autoridades políticas locais entre aqueles que já tinham algum poder na comunidade. Outra consequência foi que as minas e o ouro podiam, em certo sentido, ser considerados pertencentes à coroa que, através de seus funcionários, tentou de início tomar metade

ou mais da produção, e depois contentou-se com uma quinta parte nominal, o *quinto*, que por muito tempo viria a ser a fonte mais importante de arrecadação real.

ELEMENTOS DA TRADIÇÃO MARÍTIMA INTERNACIONAL

O comércio ibérico do Caribe surgiu como ramo do comércio internacional de Sevilha. O leitor deve lembrar-se de que os genoveses eram os líderes financeiros e comerciais de Sevilha no final do século XV. Por isso (e com certeza em nada atrapalhados pelo papel de seu compatriota Colombo), dominaram a primeira fase do comércio entre a Espanha e as Índias Ocidentais. Por meio de empréstimos, forneceram capital para expedições, imigrantes individuais e capitães de navios, assim como para empreendimentos mercantis, e eles mesmos se envolveram bastante no comércio com o Caribe. Como já controlavam o negócio de exportação de produtos agrícolas andaluzes, penetraram com facilidade no fornecimento de suprimentos para as Índias Ocidentais, e enviaram sócios e representantes para vender os carregamentos. Mas antes de 1540 os espanhóis das Índias Ocidentais tornaram-se auto-suficientes em alimentos europeus, com exceção de vinho e azeite. Os genoveses, que de qualquer forma já se concentravam nas altas finanças européias, inclinaram-se a abandonar o negócio.

As formas e os mecanismos do comércio continuaram os mesmos que já foram explicados no caso de Sevilha, mas os indivíduos mudaram rapidamente. Os sucessores dos genoveses no comércio caribenho, que logo se transformou principalmente numa troca de tecidos e manufaturas espanholas por ouro, foram os mercadores do norte de Castela, que eram a segunda potência comercial de Sevilha; em seus calcanhares vieram os andaluzes propriamente ditos.

Foram muitas as transferências para o Caribe da experiência africana dos portugueses, às vezes tendo como elo de ligação os genoveses. Colombo e outros imaginaram imediatamente que seria possível, com base na analogia com a África, exportar escravos índios para a Europa. Mas se a mortalidade já era desastrosa entre os índios em contato apenas com alguns europeus, seu efeito foi ainda mais rápido e universal quando alguns índios foram mergulhados no mundo europeu. Logo que isso ficou claro, os escravos índios tornaram-se invendáveis na Espanha, o que impediu o comércio transatlântico de índios escravos. Em

vez disso, logo surgiu o interesse em levar escravos africanos para o Caribe, como auxiliares e depois, com o tempo, apenas para ajudar a repovoar as ilhas. Durante algum tempo os genoveses foram os intermediários, mas a longo prazo o mais importante foi que os portugueses detinham o controle do comércio em sua fonte e, mais tarde, usariam este caminho para penetrar na corrente principal do negócio de exportação e importação da América espanhola.

No final da fase aurífera, por volta de 1515, os espanhóis começaram a construir engenhos de açúcar segundo o modelo das ilhas da costa da África, importando técnicos das Canárias e também escravos africanos para o trabalho mais intensivo. Na década de 1540, vários engenhos estavam funcionando em Hispaniola (três dos maiores eram operados por genoveses) e a produção era grande. Já mencionamos algumas razões pelas quais a indústria caribenha não conseguiu se expandir mais na época. Sua viabilidade devia-se em grande parte ao subsídio oculto dos metais preciosos do continente; estes custeavam a chegada de gente e mercadorias em vários navios que teriam de voltar vazios a Sevilha se não fosse o açúcar produzido e couro do gado europeu que praticamente infestou as ilhas depois do despovoamento.

Os espanhóis na América abandonaram a tradição africana dos portugueses de comerciar com povos indígenas como técnica principal em favor da ocupação direta, em primeiro lugar porque era o que a situação exigia. Mas ainda havia muitos ecos do *resgate* português. O cognato espanhol *rescate* aparece em muitos contextos com a mesma conotação de comércio com povos indígenas, no qual se misturam o escambo e a força ou as ameaças. A caça a escravos era *resgate*; os espanhóis dispunham-se a comerciar ou a lutar e estavam tão interessados em ouro e pérolas quanto em escravos. O termo também foi usado para o comércio individual extra-oficial com quaisquer índios, e continuou com este sentido no continente. Mas, acima de tudo o *resgate* era a forma de lidar com os povos nômades. Assim, antes do final da fase caribenha, os principais modos de interação espanhola com os povos da periferia já tinham sido estabelecidos: escravização, escambo e ataques intermitentes sem conquista completa.

Assim, em geral os espanhóis adotaram muitas técnicas luso-genovesas, embora de forma mais acessória que básica, exceto no caso do comércio internacional, e os próprios genoveses desapareceram do cenário americano, até que, em 1550, a única lembrança deles era sua presença entre os humildes marinheiros das Índias.

Tabela 3. Palavras hispano-americanas do Caribe

<i>Palavras arauaques</i>	
cacique	governante índio, chefe
naboría	dependente índio permanente
guañín	liga de ouro
bohío	moradia indígena (cabana)
duho	assento de honra baixo
coa	bastão para cavar
barbacoa	grelha, qualquer coisa feita com varetas pontudas
canoa	barco indígena
areito	dança indígena
maíz	milho
yuca	mandioca
maguey	agave
batata	batata-doce
<i>Palavras de origem duvidosa</i>	
batea	vasilha para lavar ouro
baquiano	batedor, guia; daí, veterano, pessoa há muito tempo nas Índias Ocidentais
cimarrón	renegado, daí negro fugido ou gado selvagem
<i>Palavras de herança afro-portuguesa</i>	
rescate	(ampliação) fazer escambo com os índios
pieza	uma unidade humana, relativa a um escravo ou servo
ingenio	engenho de açúcar
<i>Palavras espanholas com sentido novo ou mais específico</i>	
repartimiento	a parte de alguém; ou seja, uma encomenda
encomienda	a palavra preferida por altos funcionários para esta instituição sociogovernamental básica
estancia	propriedade privada de terras ou empreendimento agrícola-pastoril em estilo espanhol
estanciero	espanhol de origem humilde que toma conta de uma estancia
demora	a época ou estação de mineração
rancho	cabana temporária, geralmente habitada por índios, ao redor de uma cidade
reducción, congregación	ato de concentrar e deslocar os índios, e a povoação resultante
fundición	fundição e purificação de metais preciosos em geral, antes que circulassem entre os espanhóis
peso	principal unidade monetária, maior que o ducado castelhano
bubas	feridas, sífilis

A HERANÇA DO CARIBE ESPANHOL EXPRESSA NO VOCABULÁRIO

Para quase todos os fins, a fase caribenha da ocupação espanhola das Índias Ocidentais terminou menos de vinte e cinco anos após 1492, período no qual os índios das ilhas maiores praticamente se extinguíram e o número de espanhóis envolvidos nunca foi grande. (Nas regiões tropicais úmidas da América, os europeus, como indivíduos, não passaram muito melhor que os índios; a maior parte de todo grande grupo de recém-chegados sucumbia em dois anos — a diferença é que havia uma fonte externa de mais imigrantes e que o europeu que sobrevivesse ao período de aclimação tinha uma expectativa de vida normal.) Apenas alguns poucos milhares de espanhóis tinham ido para a América e os que estavam em atividade em qualquer período geralmente não passavam de algumas centenas. Ainda assim, bem antes de 1510 já se tinham desenvolvido as principais técnicas e estruturas ligadas à vida urbana, à base econômica, ao comércio e ao modo de relacionamento com índios sedentários e não-sedentários. Os espanhóis não tratariam o continente como área inteiramente nova, e agiram ali como tinham feito nas ilhas.

Talvez o leitor possa ter alguma idéia da extensão e da natureza da herança caribenha ao olhar uma lista de termos não usados na Espanha e que se generalizaram no espanhol das Índias Ocidentais depois de serem adotados no Caribe (ver Tabela 3). Alguns dos termos denotam tipos de gente, práticas, artefatos ou plantas característicos das culturas indígenas; outros referem-se a práticas espanholas específicas das Índias Ocidentais. Todas essas palavras seriam ouvidas no continente durante a conquista e durante várias gerações depois dela, quando o Caribe tornou-se um local estagnado, às vezes reanimado pela passagem das frotas de prata.

MECANISMOS DE EXPANSÃO E A EVOLUÇÃO DAS FORMAS EXPEDICIONÁRIAS

No Caribe não se falava de “conquista”, até que a fase continental, com suas verdadeiras campanhas e batalhas, se tornasse o padrão de comportamento. Ainda assim, neste como em outros aspectos, os métodos continentais iriam brotar dos precedentes caribenhos. A idéia de supervisão direta da coroa sobre a expansão ultramarina, na medida em que chegou a ter substância, apagou-se rapidamente diante da realidade das Índias Ocidentais. A ocupação espanhola de vastos territórios da América iria ocorrer de forma lenta, em que cada nova

área passava a ser a base para mais um avanço. A iniciativa fundamental era local; as condições locais determinavam o ritmo, e pessoal, capital e materiais eram organizados localmente. Por causa das distâncias e das tensões inerentes, cada nova área logo tornava-se independente da anterior. O processo era mais ou menos assim: um personagem ou personagens antigos e importantes de uma determinada área propunham a aquisição de um território próximo já conhecido mas ainda não ocupado, e o governador local aprovava a iniciativa, até ajudando a organizá-la, na esperança de que a nova aquisição se tornasse parte de sua própria jurisdição. Mas assim que o líder da expedição fosse bem-sucedido, ele escreveria à coroa pedindo uma governadoria separada, que em geral era concedida. (Muitas vezes era esta a primeira vez que a coroa ouvia falar do líder e da nova região.) Deste modo Porto Rico e Cuba tornaram-se independentes de Santo Domingo, depois o México ficou independente de Cuba, e assim por diante, até os limites mais distantes das Índias Ocidentais.

Já examinamos em termos gerais o ímpeto dado pelas duas diferentes tradições de expansão européia e, mais especificamente, o efeito do esgotamento mineral e populacional no abandono pelos espanhóis das ilhas do Caribe e sua ida para o continente. Certas tensões sociopolíticas entre os espanhóis tenderam a acelerar ainda mais o processo. Dois elementos entre os colonos eram quase sempre voláteis e descontentes: de um lado, alguns dos mais antigos, ricos e influentes, que almejavam ser governadores, e, de outro, espanhóis recém-chegados que esperavam obter *encomiendas* e que não se satisfariam com mais nada. Na verdade, os primeiros levaram os últimos para novas áreas, empurrados ou auxiliados por governadores e colonos já estabelecidos que desejavam que fossem embora. Neste contexto, embora o Caribe tenha deixado de ser a linha de frente e o interesse espanhol se voltasse para outras regiões, não houve êxodo em massa das ilhas. Em vez disso, os que tinham alguma posição já estabelecida ficaram, como viria a acontecer outras vezes à medida que novas áreas foram sendo ocupadas. O motor da expansão não era a aventura, e sim a pobreza e a rivalidade.

Em relação ao tema complexo da organização, da composição social e do funcionamento das expedições de conquista, precisamos dizer apenas o suficiente para demonstrar a continuidade que aponta tanto para trás quanto para a frente. Por mais que a conquista fosse um episódio espetacular, teve componentes importantes — capitalismo comercial e de colonização permanente. Em outras palavras, incorporou a experiência caribenha. Os grupos conquistadores transmitiram os costumes de sua área de base para a nova área, onde se tornaram os

encomenderos mais antigos e poderosos e impuseram sua vontade aos recém-chegados da Espanha, atraídos por seu sucesso. Ações tão transcendentais e permanentes como a fundação de grandes cidades e o delineamento de jurisdições protonacionais foram realizadas pelos grupos conquistadores no curso normal de suas atividades. Assim, a conquista não foi um hiato antes da colonização, mas parte integrante e vital da colonização.

As formas de expedição passaram por uma evolução relacionada a outras tendências caribenhas. As primeiras expedições que saíram de Hispaniola em busca de escravos e para comerciar ouro e pérolas foram organizadas numa base mercantil. Dois ou três homens ricos respondiam por todo o investimento e contratavam o restante. Mas com a escassez de capital e o rendimento incerto, cada vez mais o grupo todo investiria alguma coisa, concordando em dividir o lucro de acordo com o investimento feito. Na época em que os espanhóis chegaram em massa ao continente, já estava bem consolidada a prática segundo a qual os membros do grupo (com exceção dos marinheiros) eram sócios num empreendimento e esperavam uma parte do ouro ou dos escravos ou, se possível, uma *encomienda*, em vez de salário. A "entrada" (em novas terras) também podia servir para comerciar, atacar ou conquistar, de acordo com o que fosse encontrado. Assim, as expedições de caça a escravos no Caribe, as grandes expedições de conquista das áreas centrais e as explorações posteriores e muitas vezes inúteis de áreas periféricas representaram usos diferentes da mesma forma básica de organização. Na época da fase continental esta forma se diferenciara da *compañia* marítimo-comercial e se tornara mais próxima da *compañia* (ou bando de homens) da reconquista ibérica, embora mantivesse traços ainda muito evidentes da primeira.

O líder de uma grande expedição era sempre um homem de destaque na área-base: em geral, um *encomendero* importante, membro ou ex-membro do conselho municipal, há muito tempo na região, e nobre ou passando-se por nobre. Tanto Cortés quanto Pizarro encaixavam-se neste modelo, embora Cortés tivesse uma educação um tanto mais esmerada que o normal e Pizarro, menos. O líder exibia o título de "capitão", que não era um posto na hierarquia, mas significava simplesmente "chefe de uma expedição". Ele e alguns colegas que se tornavam capitães secundários faziam os investimentos maiores, geralmente em navios, roupas, armas e cavalos. Os membros comuns forneciam seu próprio equipamento e suas provisões (embora às vezes os comprassem com dinheiro emprestado pelo capitão). Os homens não tinham vínculos com um exército real, não recebiam soldo, não tinham uniformes nem postos, e nove em cada

dez não tinham treinamento nem experiência militar profissional. Só comentaristas posteriores ou distantes os chamaram de "soldados", termo que nunca aplicaram a si mesmos durante os anos de conquista. Eram de muitos tipos. Entre os 168 homens que capturaram o imperador inca em Cajamarca em 1532, havia uns doze escriturários; talvez o dobro de artesãos profissionais, entre eles ferreiros, alfaiates e carpinteiros; homens de passado comercial; um religioso; um arauto e gaitero negro; marinheiros; membros da baixa nobreza; homens de origem urbana e rural; homens de todas as regiões da Espanha; numa palavra, uma amostra da sociedade espanhola, indistingüível da corrente geral de imigrantes espanhóis que foram para a América nas décadas seguintes. Foram grupos como este, acompanhados por numerosos ajudantes naborias da área-base, que realizaram as conquistas do continente e criaram uma nova estrutura social nas terras conquistadas.

PADRÕES DE CONQUISTA E RESISTÊNCIA

Desde os primeiros anos na ilha de Hispaniola, os espanhóis já sabiam como a captura do cacique facilitava enormemente a invasão e o rápido controle. A idéia pode ter sido sugerida pelo precedente dos contatos ibéricos anteriores com mouros e africanos. De qualquer forma, a captura de surpresa do governante local durante uma confabulação amigável era tática padrão. As ações de Cortés e Pizarro com os imperadores asteca e inca saíram do mesmo molde e eram totalmente previsíveis. No Caribe, os espanhóis também aprenderam a esperar que alguns povos aceitassem o domínio espanhol de forma voluntária e até mesmo ajudassem os invasores, geralmente para obter vantagens sobre inimigos indígenas tradicionais.

No entanto, a luta freqüentemente era necessária. Só as potências secundárias de uma determinada região aceitariam um acordo; era de se esperar que o grupo dominante resistisse violentamente, muitas vezes até depois da morte do governante. Os espanhóis invadiram as áreas centrais do continente, com sua população que chegava a milhões de indivíduos, com seus reinos poderosos, impérios e tradições guerreiras, em expedições que contavam com 200 a 500 homens, e invariavelmente venciam em pouco tempo. O armamento dos povos sedentários não poderia deter nem prejudicar seriamente quem estivesse equipado com espada e capacete de aço e usasse algum tipo de escudo ou roupa protetora. Nos lugares onde havia pelo menos espaço mínimo de manobra, gru-

pos assim equipados não encontravam resistência contra todos os adversários indígenas que pudessem ser levados a combater até a exaustão. Aqui os cavalos foram inestimáveis, tanto que um cavalo contava como uma pessoa na divisão do tesouro e os cavaleiros eram sempre os líderes e os homens mais ricos e importantes. Cinquenta cavaleiros com lanças, ou até mesmo vinte deles, poderiam fazer um exército índio, mesmo grande, recuar ou debandar. Cavaleiro e combatente a pé podiam ajudar-se indefinidamente. Numa batalha em terreno plano e contra povos sedentários, a vitória de um corpo misto de cavaleiros e infantas espanhóis era conclusão previsível. As mortes de índios podiam chegar à casa dos milhares; as baixas espanholas em geral se restringiam a ferimentos superficiais, e as raras mortes costumavam ser causadas por acidentes. Em 1536-7 cerca de 180 espanhóis suportaram o cerco de talvez cem mil ou mais sitiados por mais de um ano no coração do império inca, em Cuzco, e só sofreram uma perda, a de um homem que lutava sem capacete. As armas de fogo eram pouco importantes, em número muito pequeno e lentas demais para enfrentar a quantidade de índios. A estratégia também não importava, bastando que o líder espanhol tivesse a prudência de manter seus homens longe de lugares apertados. A alta taxa de mortalidade dos conquistadores devia-se em primeiro lugar às doenças e às lutas entre eles, e em segundo lugar à perda de pequenos grupos isolados em posição muito desvantajosa ou que abriam a guarda depois de uma vitória inicial. No fundo, assim, os europeus do século XVI tinham uma vantagem técnica militar tão imensa e decisiva sobre os povos sedentários da América como aquela que os europeus do final do século XIX adquiriram sobre os povos da África e da Ásia com o rifle de repetição e a metralhadora Gatling.

Coragem e habilidade eram abundantes do lado dos índios. O pouco que se podia fazer naquela situação eles fizeram. Em geral, testavam várias vezes os resultados da batalha antes de capitular. Num local confinado, devido à superioridade numérica, os índios podiam, e às vezes conseguiram quase literalmente, sufocar os espanhóis. Num lugar muito estreito ou íngreme era possível despejar pedras sobre suas cabeças, e isto os índios logo aprenderam a fazer sempre que havia oportunidade. Em 1536, durante uma grande rebelião indígena generalizada no Peru, Pizarro enviou, um após outro, contingentes de trinta cavaleiros para socorrer Cuzco; todos foram aniquilados nos desfiladeiros das montanhas. Mas os espanhóis logo aprenderam a lição.

Entre todos os povos sedentários, os astecas do vale do México tinham a melhor localização para resistir à conquista espanhola. Tenochtitlán, sua capital, era cercada por um grande lago, acessível apenas por caminhos estreitos e

elevados com pontes removíveis intercaladas, e a própria cidade era construída de forma compacta, de pedra e alvenaria, e cruzada por canais. Nestas condições, os astecas puderam encurralar e expulsar um grande grupo de espanhóis que já estavam na ilha e depois resistir ao cerco prolongado de uma expedição reforçada com muitos aliados índios, seus ex-inimigos e súditos. Mesmo quando os espanhóis conseguiram passar pelos caminhos, encontraram obstáculos e impedimentos que tornavam ineficazes seus procedimentos habituais, e os astecas podiam reabastecer-se com barcos. Só quando se aprofundaram na tecnologia européia e construíram grandes embarcações equipadas com artilharia é que os invasores conseguiram dominar o lago e submeter a cidade à fome. Ao mesmo tempo, os espanhóis arrasaram progressivamente os prédios e aterraram os canais, criando uma planície na qual foi restaurada sua costumeira vantagem.

A única alternativa a uma resistência que era, em última instância, inútil, seria abandonar as boas terras da vida sedentária e refugiar-se na segurança das montanhas ou das florestas. Esta possibilidade não era acessível ao grosso da população e em geral não foi adotada, a não ser por curtos períodos, embora um grupo isolado de incas tenha se mantido na floresta tropical do vale de um rio remoto por mais de uma geração depois do final da conquista propriamente dita (sem muito efeito sobre o curso geral dos acontecimentos). É verdade que a vacilação dos chefes índios às vezes fez com que os espanhóis assumissem o controle antes do que seria absolutamente necessário. Tanto Moctezuma, imperador asteca, quanto o imperador inca Atahualpa hesitaram entre o compreensível excesso de confiança, a curiosidade e a igualmente compreensível apreensão quanto ao desconhecido, até que os espanhóis estavam bem à sua frente e já era tarde demais. Mas a submissão nestas condições não era, por si só, decisiva. Quase sempre, em muito pouco tempo ocorria uma rebelião armada séria, liderada por pessoas que só então percebiam todas as conseqüências da presença européia; depois de sucessos iniciais devidos à surpresa e à dispersão dos espanhóis, o resultado seria novamente o mesmo, pelas mesmas razões da primeira conquista. A partir daí, os povos sedentários nunca mais representariam uma ameaça à ocupação e ao domínio espanhóis.

Quanto aos índios aliados dos espanhóis, para termos uma visão geral é preciso compreender, em primeiro lugar, que eles costumavam se tornar aliados precisamente por causa do poder militar dos invasores e, em segundo, que nas conquistas seu principal papel foi no apoio e na logística. Tlaxcala é um exemplo clássico. Os habitantes de Tlaxcala suportaram duas semanas de constantes derrotas em batalhas duras antes de decidir que a melhor coisa a fazer era

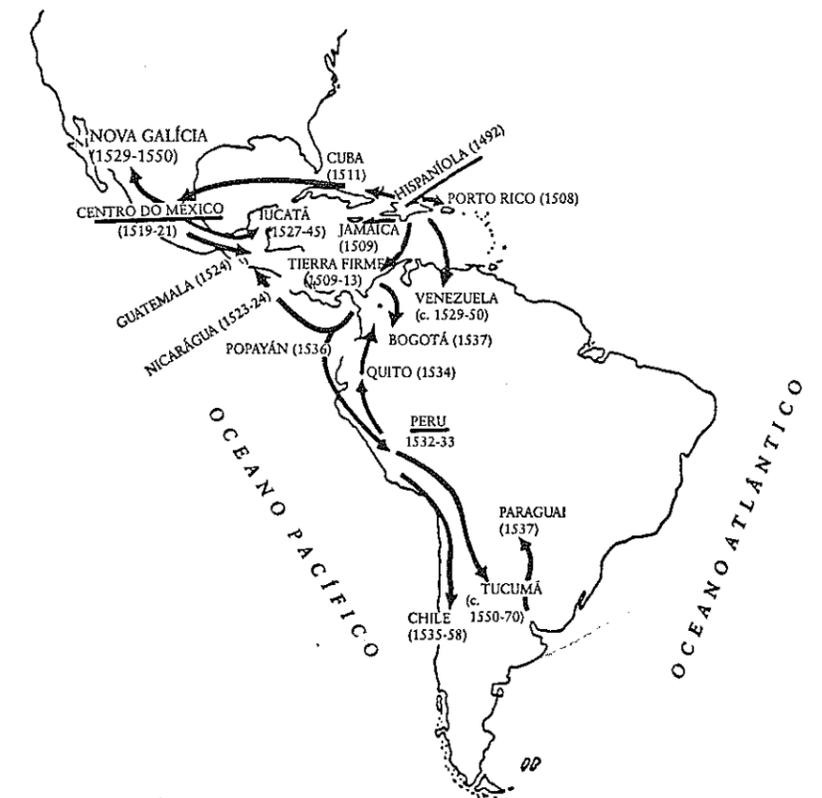
ajudar os espanhóis contra seus inimigos tradicionais, os mexicas. Pode-se entender algo do papel dos tlaxcalanos, que acompanharam os conquistadores por todo o México, pelo fato de que muitos nunca voltaram para casa, e sim tornaram-se naborias nas vizinhanças das várias cidades espanholas.

A TRAJETÓRIA DUPLA DA CONQUISTA

A conquista espalhou-se em dois grandes flancos, a partir de Hispaniola, na direção das áreas centrais (ainda insuspeitadas): um para o Panamá e depois para o Peru, e outro para Cuba e depois para o México. Às vezes um dos dois fluxos tomava a dianteira, às vezes era o outro. O flanco do sul chegou primeiro ao continente, em Tierra Firme, a partir de 1509. Ali, pela primeira vez, havia povos indígenas cuja acumulação de metal precioso era suficientemente grande para permitir aos espanhóis cobrir imediatamente seu débito e prosseguir na conquista, sem ter de explorar primeiro as minas de aluvião, embora, naturalmente, eles logo o fizessem também. Aqui a *encomienda* foi transferida pela primeira vez para o continente e a conquista começou a adotar sua forma clássica. Já o flanco do norte foi o primeiro a tomar uma das áreas imperiais, o território dos astecas, em 1519-21, enquanto o flanco sul, detido por um desvio pela Nicarágua e pelas condições difíceis de navegação na costa do Pacífico da América do Sul, só tomou as terras centrais dos incas em 1532-3.

As duas regiões centrais mal tinham sido provisoriamente ocupadas quando outra série de expedições, as maiores e mais bem equipadas até então, partiram usando-as como bases, aceleradas pelo capital, pelos antagonismos, pelas expectativas e pela imigração contínua e vigorosa de espanhóis gerada pela conquista. Como resultado, em 1540 todas as áreas totalmente sedentárias da América haviam sido localizadas e ocupadas, e estava em andamento a ocupação das áreas semi-sedentárias contíguas. Como indicam as datas do Mapa 3, as coisas aconteceram muito mais lentamente nas áreas posteriores, mas mesmo nestas as capitais regionais já haviam sido fundadas em 1550.

Apesar de algum contato entre os dois fluxos principais, em geral eles eram bem isolados, e se assemelhavam principalmente por serem continuações tão diretas do complexo caribenho e por obedecerem a conjuntos de condições tão parecidos. Acima de tudo, o México não teve grande impacto sobre o Peru apenas por causa da precedência de alguns anos; a *encomienda* de Tierra Firme foi o modelo utilizado no Peru, e não a variante mexicana (de qualquer



Mapa 3. A trajetória da conquista espanhola.

forma, quase idêntica), e Pizarro com certeza não pensava em Cortés e Moctezuma quando capturou Atualpa; ele tinha capturado caciques em Tierra Firme muito antes que se conhecesse o México.

Na mesma época da onda de ataques pós-México-Peru às áreas povoadas contíguas, algumas grandes expedições partiram com a mesma intenção para regiões mais remotas, mas não conseguiram encontrar gente ou recursos que indicassem que os espanhóis deveriam ocupar aquelas regiões naquela ocasião. A importância desses empreendimentos foi, então, principalmente negativa. As mais famosas são: Hernando de Soto (financiada com dinheiro oriundo da conquista do Peru), de Cuba para o sudeste norte-americano em 1539-42; Gonzalo

Pizarro, de Quito para a região amazônica em 1541-2; e Coronado, do México para as fronteiras do norte em 1540-2. Uma grande expedição chefiada por Dom Pedro de Mendoza, embora inspirada pelo sucesso peruano, partiu diretamente de Sevilha e assim passou por cima do passo-a-passo da tradição das Índias Ocidentais. Essa aventura no Prata fracassou ao tentar ocupar a região de Buenos Aires em 1535-6, e provou a impossibilidade de dominar a região do pampa no século XVI, mas ainda assim resultou na colonização permanente do Paraguai, à qual voltaremos num outro capítulo. Depois disso, havia pouco mais a conhecer e ainda menos a explorar, já que nesta época os portugueses se haviam instalado junto aos povos semi-sedentários restantes da costa leste do sul do continente, e a América espanhola estabilizou-se com fronteiras e unidades territoriais muito semelhantes às de hoje, exceto pelo fato de que as planícies ainda estavam, em grande parte, fora da colonização espanhola efetiva.